

teres anteriormente enumerados. O sistema político é uma série em expansão de segmentos opostos a partir das relações dentro da menor seção tribal até as relações entre tribos e estrangeiros, pois a oposição entre segmentos da menor seção parece-nos ter o mesmo caráter estrutural que a oposição entre uma tribo e seus vizinhos dinka, embora a forma de sua expressão seja diferente. Muitas vezes não é nada fácil decidir se um grupo deve ser considerado como uma tribo ou como o segmento de uma tribo, pois a estrutura política possui uma qualidade dinâmica. Usando o pagamento de indenização de sangue como o critério principal, classificamos os Gaajok do leste e os Gaajak como tribos distintas porque não há ressarcimento por homicídios entre eles; contudo, eles se consideram como uma única comunidade em relação aos Lou. O valor tribal ainda é reconhecido por todo o território lou, mas, na realidade, as seções *gun* e *mor* são grandemente autônomas e pode-se duvidar que o ressarcimento por homicídio seja efetivamente pago entre elas, embora os indivíduos digam que deve ser pago. Parece que tantos indivíduos foram mortos nas contendas entre as seções primárias *yol* e *wangkac* da tribo gaajok que todos os pagamentos por homicídio foram interrompidos. Por outro lado, disseram-me que, na época do auge da influência dos profetas lou, Ngundeng e Gwek, houve indenizações durante algum tempo entre os Lou e os Gaajok. Nas tribos maiores, os segmentos reconhecem uma unidade formal, porém pode haver pouca coesão real. O valor tribal ainda é afirmado, mas as relações concretas podem estar em conflito com ele já que se baseiam em lealdades locais dentro da tribo e, em nossa opinião, é nesse conflito entre valores rivais dentro de um sistema territorial que consiste a essência da estrutura política.

As tribos nuer constituem uma avaliação na distribuição territorial, e as relações tribais, intertribais e estrangeiras são modos padronizados de comportamento através dos quais se expressam os valores. O valor tribal é, portanto, relativo — e a qualquer momento está vinculado a uma determinada extensão de uma série em expansão de relações estruturais, sem estar inevitavelmente fixado a essa extensão. Além do mais, é não somente relativo (porque aquilo que chamamos de tribo hoje pode ser duas tribos amanhã), como também pode-se dizer que determina o comportamento quando um determinado conjunto de relações estruturais está em operação, principalmente atos de hostilidade entre segmentos tribais e entre uma tribo e outros grupos da mesma ordem estrutural, ou atos que provavelmente irão causar agressão. É muito raro que uma tribo se dedique a atividades de cooperação, e, além disso, o valor tribal determina o comportamento num campo definido e restrito de relações sociais e constitui apenas um dentre uma série de valores políticos, alguns dos quais estão em conflito com ele. O mesmo

se aplica a seus segmentos. Sugerimos, portanto, que os grupos políticos nuer sejam definidos, em função dos valores, pelas relações entre seus segmentos e por suas inter-relações enquanto segmentos de um sistema maior numa organização da sociedade em determinadas situações sociais, e não enquanto partes de uma espécie de moldura fixa dentro da qual vivem as pessoas.

Não duvidamos de que existe uma interdependência entre as várias inter-relações das seções e todo o sistema político do qual fazem parte, mas isso não pode ser demonstrado com facilidade. Já ficou dito que, quanto menor o grupo local, mais coeso ele é e mais contatos de vários tipos têm seus membros uns com os outros. Há menos solidariedade, quanto mais amplo tornamos o círculo, de uma aldeia para as tribos adjacentes. Pode-se concluir, portanto, que há sempre maior oposição entre dois grupos do que entre segmentos deles e que os segmentos são, digamos, segurados juntos por essa pressão externa; não podemos admitir, contudo, que essa opinião esteja de acordo com os fatos, porque parece que se sente maior hostilidade entre aldeias, grupos de aldeias em seções tribais terciárias do que entre seções tribais maiores e entre tribos. É provável que os ataques efetuados pelas tribos e pelas federações de tribos contra os Dinka tenham tido um efeito de integração, porém os Dinka não foram agressivos para com os Nuer e parece que a manutenção da estrutura tribal deve, antes, ser atribuída à oposição entre seus segmentos menores do que a qualquer pressão externa. Se for esse o caso — e um exame da instituição da disputa sugere que é o caso —, chegamos à conclusão de que, quanto mais frequentes e múltiplos os contatos entre membros de um segmento, mais intensa é a oposição entre suas partes. Por mais paradoxal que possa parecer, à primeira vista essa conclusão, somos levados a ela tanto pela observação, quanto pela reflexão sobre o que constitui um sistema segmentário.

IV

Empregamos o termo "disputa" na seção anterior no sentido de hostilidades mútuas prolongadas entre comunidades locais dentro de uma tribo. Esse emprego amplo e ligeiramente impreciso parece justificado pela convenção e, também, conforme demonstraremos, porque — embora a responsabilidade pelo homicídio e o dever de vingar-se caibam apenas aos parentes agnatos próximos do assassino e assassinado — as comunidades a que pertencem ambas as partes são envolvidas, de um modo ou de outro, na hostilidade que se segue e não raro em quaisquer lutas que resultem da disputa. Estritamente, contudo, a palavra poderia ser considerada como empregada com maior

adequação para descrever as relações entre os parentes de ambas as partes numa situação de homicídio, pois ela então se refere a uma instituição específica. Algumas vezes, portanto, falamos de "vendeta" para dar ênfase a esse significado mais restrito e definido com maior clareza.

As vendetas constituem uma instituição tribal, pois podem ocorrer apenas quando se reconhece que houve uma infração à lei, já que constituem o modo pelo qual se obtém o ressarcimento. O temor de provocar uma vendeta é, com efeito, a mais importante sanção legal dentro de uma tribo e a principal garantia da vida e da propriedade de um indivíduo. Se a comunidade de uma tribo tentar vingar um homicídio contra a comunidade de outra tribo, segue-se uma situação de guerra intertribal, mais do que uma situação de disputa e não há modo de resolver a questão por arbitramento.

Como os Nuer têm muita inclinação para lutar, as pessoas são mortas com frequência. De fato, é raro ver um homem de certa idade que não tenha cicatrizes de clava ou lança. Um Nuer deu-me as seguintes causas para lutar: desentendimentos em relação a uma vaca; uma vaca ou cabra comer o sorgo de uma pessoa e esta bater naquela; um homem bater no filho pequeno de outro; adultério; direito sobre a água na estação da seca; direito sobre o pasto; um homem tomar emprestado algum objeto — especialmente um ornamento de dança — sem pedir licença ao dono. O Nuer briga imediatamente se acha ter sido insultado, e os Nuer são muito sensíveis e ofendem-se com facilidade. Quando um homem pensa ter sofrido um dano, não há qualquer autoridade a quem se possa queixar e da qual possa obter um ressarcimento, de modo que ele, imediatamente, desafia para um duelo o homem que causou o dano, e o desafio deve ser aceito. Não há outra maneira de resolver uma questão, e a coragem de um homem é sua única proteção imediata contra a agressão. Somente quando o parentesco ou o *status* do conjunto etário impedem um apelo às armas, é que o Nuer hesita em fazer o desafio, pois jamais lhe ocorre pedir conselhos antes e ninguém iria prestar atenção a conselhos não pedidos. A partir de seus anos mais tenros, as crianças são encorajadas pelos mais velhos a resolverem todas as questões lutando, e elas crescem considerando a habilidade de lutar como a realização mais necessária e a coragem, como a virtude mais elevada.

Os meninos brigam com braceletes ponteados. Homens da mesma aldeia ou acampamento brigam com clavas, pois é convencional que as lanças não sejam empregadas entre vizinhos próximos, ou um deles poderia ser morto e a comunidade ficar dividida por uma vendeta. E também convencional que nenhum terceiro tome parte na briga, mesmo que seja parente próximo de um dos combatentes. Uma vez começada a briga, nenhuma

das partes pode desistir e são obrigadas a continuar até que uma delas fique seriamente ferida, a menos que — como acontece em geral — as pessoas as separem à força, reclamando em altos brados, e se coloquem entre elas.

Quando começa uma briga entre pessoas de aldeias diferentes é com lanças; todo homem adulto de ambas as comunidades toma parte nela; e não pode ser terminada antes que tenha havido uma perda considerável de vidas. Os Nuer sabem disso e, a menos que estejam muito zangados, relutam em começar brigas com aldeias vizinhas e muitas vezes permitem de boa vontade que o chefe da pele de leopardo ou os anciãos intervenham. Vi uma briga desse tipo ser impedida pela mediação dos anciãos de ambos os lados, mas estava claro que tal mediação teria servido de pouco se os jovens estivessem ansiosos para chegar às vias de fato. Hoje tais brigas são menos comuns, porque o medo da intervenção do governo funciona como preventivo, mas cheguei a ver acampamentos e seções tribais preparados para a guerra e a ponto de lutar, e, numa época, as lutas devem ter sido muito frequentes.

Algumas vezes as tribos atacavam-se por causa do gado, mas as lutas entre elas eram raras. Lutas entre comunidades e as vendetas que delas resultam são parte das relações políticas que existem entre segmentos de uma organização tribal comum. Um homem leek disse-me o seguinte: "Nós temos nossas lutas entre nós, e os Gajok têm lutas entre eles. Nós não lutamos com os Gajok. Nós só lutamos entre nós. Eles têm suas próprias lutas". As pessoas são mortas nessas lutas e, assim, começam as vendetas. Dentro de uma tribo, existe um método pelo qual tais disputas podem ser resolvidas por arbitramento.

V

Faremos um relato sumário do procedimento de resolver uma vendeta, sem descrever os detalhes do ritual. Logo que um homem mata outro, corre para a casa do chefe da pele de leopardo a fim de limpar-se do sangue que derramou e procurar refúgio contra a retaliação em que incorreu. Ele não pode comer nem beber até que o sangue do morto não tenha saído de seu corpo (pois pensa-se que o sangue entra de alguma forma no corpo do assassino), e, para tanto, o chefe faz uma ou duas incisões verticais em seu braço por meio de um golpe de cima para baixo, a partir do ombro, com uma lança de pesca. O assassino apresenta o chefe com um novilho, um carneiro ou um bode, que o chefe sacrifica. Esse rito e a marca no braço são chamados de *bir*. Logo que os parentes do morto ficam sabendo que ele foi assassinado, tentam vingar-se do assassino, pois a vingança é a obrigação mais coercitiva para parentes paternos e

constitui a epítome de todas as suas obrigações. Seria uma grande vergonha para todos os parentes, se não se esforçassem em vingar o homicídio. Morando como hóspede do chefe a partir do momento em que seu braço foi cortado até a solução final, o assassino tem asilo, pois o chefe é sagrado e não se deve derramar sangue em sua casa. É possível que os homens se refugiem com um chefe apenas quando o perigo de vingança é muito grande, mas parece que é prática geral.

Enquanto o assassino está na casa do chefe, os vingadores ficam vigiando-o (*bim*) de vez em quando para ver se ele sai de seu santuário e lhes dá uma oportunidade de atingi-lo com as lanças. Eles aproveitam todas as oportunidades que têm para matá-lo, mas não são muito persistentes no procurar essa oportunidade. Esse estado de coisas pode persistir por algumas semanas antes que o chefe inicie as negociações com os parentes do morto, pois não é provável que ele encontre receptividade em suas ofertas até que a cerimônia mortuária não tenha sido realizada e as emoções tenham esfriado um pouco. As negociações são feitas com vagar. O chefe primeiro verifica quanto gado possuem os parentes do assassino (*jithunga*) e se eles estão dispostos a pagar a indenização. Não creio que frequentemente eles se recusem a pagar, a menos que morem muito longe dos vingadores ou que haja uma série de vendetas não resolvidas entre as seções envolvidas, embora eles possam não ter a intenção de entregar todo o gado. O chefe, depois, visita os parentes do morto (*jiran*) e pedê-lhes que aceitem o gado em troca da vida. Em geral, eles recusam, pois é ponto de honra ser obstinado, mas a recusa não significa que não estejam dispostos a aceitar o ressarcimento. O chefe sabe disso e insiste, chegando mesmo a ameaçar amaldiçoá-los se não cederem, e suas exortações são apoiadas pelos conselhos de parentes paternos distantes e parentes cognatos que não irão receber nenhuma das cabeças de gado e não precisam, portanto, demonstrar tanto orgulho e teimosia, mas que têm o direito de expressar sua opinião em virtude de seu relacionamento com o morto. A defesa do compromisso é também sustentada pelas tendências do costume. Não obstante, os parentes próximos devem recusar-se a escutá-la até que o chefe não tenha chegado aos limites de sua argumentação, e quando cedem declaram que estão aceitando o gado apenas para honrar o chefe e não porque estão prontos a tomar o gado em troca da vida do parente morto.

Na teoria, paga-se de quarenta a cinquenta reses, mas é pouco provável que todas elas sejam pagas ao mesmo tempo e o débito pode continuar durante anos. As cerimônias de reconciliação são realizadas quando umas vinte reses já foram entregues, e depois disso os parentes do assassino podem circular sem medo de serem emboscados — ao menos por algum tempo, pois não estão livres da vingança até que todo o gado tenha sido

inteiramente pago, e possivelmente nem assim. O chefe leva o gado ao lar do morto. Os parentes do assassino não se aventuram a acompanhá-lo. O gado é parcialmente distribuído entre os parentes do morto e parcialmente empregado para casar uma mulher com seu nome para dar-lhe herdeiros. Mesmo que um homem de cada lado tenha sido morto, o gado deve ser pago por ambos os lados, embora talvez apenas vinte cabeças para cada um, pois o espírito deve ser apaziguado e a honra dos vivos deve ser mantida. Também deve-se realizar sacrifícios a fim de livrar as aldeias da morte, que se encontra à solta nela e deve ser mandada para o mato, e os parentes de ambos os lados devem ser purificados. Por sua participação em tais providências, o chefe recebe, além da carne dos sacrifícios, dois animais, mas ele tem de dar um deles ao parente agnato que o ajuda. É frequente não ganhar nada, já que se espera que ele dê ao assassino uma vaca para ajudá-lo a pagar a indenização e, além do mais, ele teve as despesas de fornecer ao assassino prolongada hospitalidade.

Um homicídio não diz respeito somente ao homem que o cometeu, mas também a seus parentes agnatos próximos. Há mútua hostilidade entre os parentes de ambos os lados e estão proibidos — sob pena de morte, que inevitavelmente caberá àqueles que cometerem a infração — de comer ou beber uns com os outros ou dos mesmos pratos ou vasilhas, mesmo que seja na casa de um homem que não seja aparentado a nenhum dos lados. Essa proibição cessa depois que o gado foi pago e os sacrifícios foram feitos, mas os parentes próximos de ambos os lados não comerão uns com os outros durante anos, até mesmo durante uma ou duas gerações, por razões sentimentais. "Um osso (o morto) está entre eles". De fato, todos os Nuer reconhecem que, apesar dos pagamentos e dos sacrifícios, uma vendeta continua para sempre, pois os parentes do morto jamais cessam "de ter morte em seus corações". Durante anos, depois de o gado ter sido pago, agnatos próximos do assassino evitam os agnatos próximos do morto, especialmente nas danças, pois na excitação que estas provocam o simples ato de esbarrar num homem cujo parente foi morto pode dar início a uma briga, pois a ofensa jamais é esquecida e as contas devem, em última análise, ser acertadas com uma vida. Quando um morto é casado com uma esposa, a noiva é esfregada com cinzas pelos parentes do marido morto e, por meio delas, invoca-se a deus, pedindo que ela possa gerar um filho que irá vingar seu pai. Esse filho é um *gat ter*, um filho de vendeta. Nos sacrifícios, diz-se ao espírito que seus parentes aceitaram o gado e casarão uma esposa com ele, mas os parentes também lhe garantem que um dia ele será vingado adequadamente pela lança. "Um Nuer é orgulhoso e quer o corpo de um homem como vingança e não seu gado. Quando ele matou um homem, ele pagou a dívida e,

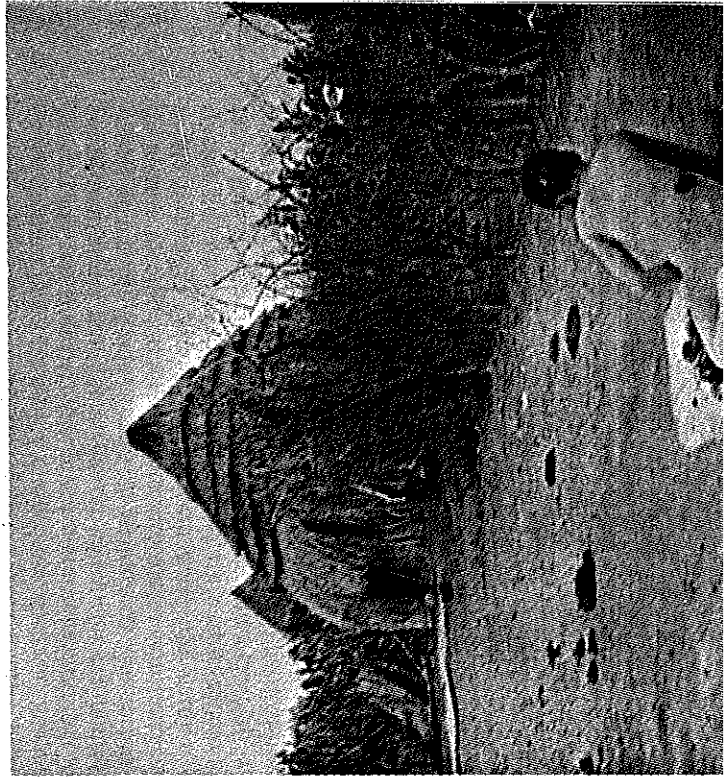
então, seu coração se alegrou". Portanto, embora o chefe avise os parentes do morto, nas cerimônias de reconciliação, que a vendeta terminou e não deve ser reiniciada, os Nuer sabem que "uma vendeta jamais termina". Pode haver paz por algum tempo, em virtude das razões que persuadiram os parentes a aceitar a indenização e em virtude do gado que receberam, mas a inimizade continua e as pessoas de ambos os lados ficam *jiter*, pessoas que estão lutando, mesmo que não haja abertamente hostilidades. Não há lutas freqüentes ou uma hostilidade incessante e contínua, mas a ferida ulcera-se e a disputa, embora formalmente terminada, pode a qualquer momento irromper novamente.

VI

Já dissemos que as disputas criam um estado de hostilidade entre as linhagens e, conseqüentemente, como explicaremos mais adiante, entre seções tribais inteiras; e que não há uma diferença muito grande entre os esforços ocasionais para obter vingança quando as disputas ainda não foram resolvidas, e a hostilidade latente que persiste quando já o foram. Isso, contudo, aplica-se somente quando os homicídios são entre seções tribais primárias, secundárias ou terciárias. Em grupos menores isso não ocorre, pois, apesar da força dos sentimentos despertados e de sua persistência após ter sido efetuado o ressarcimento, as disputas têm de ser resolvidas com maior rapidez e não é provável que irrompam novamente depois da solução.

O que acontece quando um homem mata outro depende do relacionamento existente entre as pessoas envolvidas e de suas posições estruturais. Existem pagamentos diferentes, conforme seja um verdadeiro Nuer, um Dinka vivendo na terra dos Nuer, e, entre os Jikany do leste, um membro do clã aristocrático (ver p. 226). A habilidade de levar avanti uma vendeta e, conseqüentemente, de obter reparação por meio de uma vida ou pelo pagamento de gado depende até certo ponto da força da linhagem do homem e de suas relações de parentesco. Mas a intensidade de uma disputa e a dificuldade de solucioná-la dependem principalmente do tamanho do grupo envolvido. Se um homem mata outro que se relaciona intimamente com ele — seu primo paterno, por exemplo — ainda há pagamento de gado, embora menos, provavelmente umas vinte cabeças. Uma das fontes de contribuição, os irmãos do pai, ou os filhos deles, seriam os beneficiários da indenização e, portanto, não podem pagá-lo. Não obstante, algum gado deve ser pago já que é necessário compensar a família do morto, dar ao espírito uma esposa e realizar os sacrifícios devidos. Disseram-me que em tais

Menino apanhando
ésterco para combustível (Lou).



casos a questão é resolvida rapidamente. É provável que uma vendeta possa ser resolvida com maior facilidade quando ocorre no interior de um clã, pois os Nuer consideram errado que os membros de um clã se envolvam numa vendeta. Depois que o pagamento foi feito, eles dizem: "A vendeta foi cortada para trás, nós voltamos ao parentesco". Também se diz que, se houve muitos casamentos entre dois grupos, é pouco provável que ocorra uma vendeta.

Quando um homem mata outro de sua própria aldeia ou de uma aldeia vizinha com a qual sua aldeia mantinha relações sociais íntimas, a vendeta é logo resolvida, porque as pessoas de ambos os lados precisam misturar-se e, com certeza, haverá entre elas muitos laços de parentesco e afinidade. Aponta-se ao espírito o fato que o gado foi pago e que é impossível vingá-lo tomando alguma vida porque ninguém acabaria ficando vivo se a disputa fosse continuada entre parentes e vizinhos. A vida cooperativa é incompatível com uma situação de vendeta. Quando um homem fere com a lança um outro de uma aldeia vizinha, é costume que as pessoas da aldeia de quem feriu enviem a lança que provocou o ferimento aos parentes do ferido a fim de que estes possam tratá-la pela mágica e impedir que a ferida seja fatal. Eles enviam também um carneiro para sacrifícios. Assim fazendo, declaram sua esperança de que a ferida logo fique curada e que não querem correr os riscos de uma vendeta por causa de uma briga pessoal. Depois dessa cortesia, mesmo se o homem morrer, seus parentes provavelmente aceitarão a indenização sem muita relutância. Se um homem morre muitos anos depois de ter sido ferido, a morte é atribuída a essa ferida, mas, da mesma forma, o ressarcimento será aceito sem timidez e em escala reduzida. Quando um homem mata um vizinho, é frequente que uma vaca seja paga imediata e apressadamente de modo que a comunidade possa continuar em paz. Não se deve supor, contudo, que a facilidade com que as disputas são resolvidas seja um indicio da falta de violenta indignação ou que a dificuldade com que são resolvidas constitua um indicio de indignação maior.

As disputas são resolvidas com certa facilidade num meio social restrito onde a distância estrutural entre os participantes é pequena, mas tornam-se mais difíceis de resolver quando o meio se expande, até atingirmos relações intertribais, onde nenhum ressarcimento é oferecido ou esperado. O grau de controle social sobre as disputas varia com o tamanho do segmento tribal, e os próprios Nuer frequentemente explicaram-me esse fato. Disputas prolongadas e intensas podem ter lugar entre seções tribais terciárias, mas em geral faz-se um esforço para terminá-las, pois um segmento de tais dimensões possui um forte sentimento de comunidade, íntimos laços de linhagem e alguma

interdependência econômica. Contudo, é muito menos fácil deter uma disputa entre pessoas de seções terciárias diferentes do que deter uma outra numa aldeia ou entre aldeias vizinhas, onde se garante uma solução rápida e permanente; tendem a acumular-se disputas não solucionadas entre seções dessas dimensões. Esse é o caso especialmente quando não houve uma só morte resultante de uma briga pessoal, mas várias mortes durante uma luta entre as duas seções. Quando ocorreu uma luta entre seções tribais secundárias, há poucas probabilidades de vingança exceto uma luta generalizada, e as pessoas sentem menos necessidade de submeter-se à mediação já que têm menos contatos sociais e estes são de tipo temporário, pois a facilidade relativa com que as disputas são solucionadas constitui uma indicação da coesão da comunidade. Quanto maior o segmento envolvido, maior a anarquia que prevalece. As pessoas dizem que há pagamento da indenização de sangue entre seções tribais primárias, mas não se sente uma grande necessidade de pagá-la. A tribo constitui o último estágio nessa anarquia crescente. Ela ainda tem uma unidade política nominal, e sustenta-se que as disputas entre seus membros mais distantes podem ser resolvidas pelo ressarcimento, mas não raro elas não são resolvidas, e, se muitos homens são mortos numa grande luta entre grandes seções, nada é feito para vingá-los ou para indenizar suas mortes. Os parentes ficam esperando até haver nova luta. O tegumento político pode, em consequência, ser esticado a ponto de romper-se e a tribo separar-se em duas. A fenda entre as seções torna-se mais ampla até que elas têm muito pouco a ver uma com a outra, além de ocasionais unificações para saques; e as disputas entre seus membros são resolvidas, se é que chegam a sê-lo, com maior dificuldade e casualidade.

VII

A probabilidade de um homicídio se transformar numa vendeta, sua força e suas possibilidades de solução, dependem, portanto, das inter-relações estruturais das pessoas envolvidas. Além disso, a vendeta pode ser vista como um movimento estrutural entre segmentos políticos por meio do qual é mantida a forma do sistema político nuer, que conhecemos. É verdade que apenas parentes agnatos próximos de ambos os lados são envolvidos imediata e diretamente, mas as disputas entre pessoas que pertencem às seções tribais diversas mais cedo ou mais tarde influenciam as inter-relações das comunidades inteiras a que pertencem.

Os parentes do morto tentam matar o *gwan thunga*, o assassino, mas têm também o direito de matar qualquer dos agnatos próximos (*gaat gwanlen*). Eles não podem matar filhos do irmão da mãe, da irmã do pai ou da irmã da mãe do

assassino, porque essas pessoas não pertencem à linhagem do assassino. Também apenas as linhagens mínimas dos dois lados estão envolvidas indiretamente na disputa. Entretanto, a significação da disputa pode ser atribuída menos à facilidade de solução dentro dos grupos menores, do que às dificuldades de solução dentro dos grupos maiores, que participam indiretamente do conflito. Já foi dito que as pessoas envolvidas numa disputa não podem comer sob o mesmo teto, e, como um homem come em todas as casas de sua aldeia, os membros da aldeia são imediatamente alcançados pela proibição e passam a estar num estado de oposição ritual mútua. Todas as pessoas de uma aldeia estão em geral aparentadas de alguma maneira e também possuem um forte sentimento de comunidade, de modo que, se há alguma luta entre sua aldeia e outra em razão de uma disputa em que estão envolvidos alguns de seus membros, é provável que toda a aldeia venha a ser envolvida. Assim, nas danças, os homens de cada aldeia chegam em formação de guerra e mantêm uma linha ininterrupta por toda a dança, de tal modo que, se um deles for atacado, os demais encontram-se a seu lado e podem ajudá-lo. Pessoas que não são diretamente afetadas pela disputa podem, assim, ver-se forçadas a ajudar as partes principais.

Observamos, além disso, que a intensidade de uma disputa e o modo como é conduzida dependem do relacionamento estrutural das pessoas envolvidas dentro do sistema político. Não se pode tolerar uma disputa dentro de uma aldeia e é impossível manter uma por longo tempo entre aldeias vizinhas. Consequentemente, embora as brigas ocorram com maior frequência dentro de uma aldeia ou entre aldeias e acampamentos vizinhos, uma vendeta, no sentido de uma relação de partes entre as quais existe uma dívida não saldada de homicídio que pode sê-lo, ou pela vingança, ou pelo pagamento de indenização — um estado temporário de hostilidade ativa que não força a uma solução imediata, porém exige uma conclusão eventual — somente pode persistir entre seções tribais que estejam bastante próximas para manter relações hostis ativas e bastante distantes para que essas relações não impeçam contatos sociais essenciais de tipo mais pacífico. Uma disputa tem pouco significado a menos que haja relações sociais de algum tipo que possam ser rompidas e retomadas, e, ao mesmo tempo, essas relações precisam de uma solução eventual se é que não se quer um rompimento completo. A função da disputa vista sob esse prisma, é, portanto, manter o equilíbrio estrutural entre segmentos tribais opostos que estão, não obstante, fundidos politicamente quando comparados a unidades maiores.

Através da vendeta, seções inteiras são deixadas num estado de hostilidades mútuas sem que a hostilidade leve a guerras

freqüentes, pois o objetivo da vingança direta limita-se a pequenos grupos de parentesco e os esforços para atingi-la não são incessantes. Há uma briga entre duas seções e algumas pessoas são mortas em ambos os lados. Apenas as linhagens que perderam um membro encontram-se num estado de vendeta direta com as linhagens que destruíram o membro; contudo, através da residência comum, do patriotismo local e de uma rede de laços de parentesco, as seções inteiras participam da inimizade que disso resulta, e o prosseguimento das disputas pode levar a mais lutas entre as comunidades envolvidas e a uma multiplicação de disputas entre elas. Assim, quando a seção *nyarkwac* da tribo lou lutou contra a seção *leng*, a linhagem Lam e as pessoas que vivem com ela colocaram-se contra as linhagens Mar, Kwoth e Malual e as pessoas que vivem com estas; a linhagem Manthiepni colocou-se contra a linhagem Dumien, e assim por diante. Apenas essas linhagens mínimas envolveram-se umas com as outras nas disputas que resultaram, e não linhagens colaterais, embora tenham tomado parte em outros setores da luta; entretanto, a hostilidade entre as seções era comum a todos os membros. Um exemplo do que os Nuer pensam a esse respeito é dado por suas reações no acampamento de gado de Muot Dit, quando o governo fez reféns para forçá-los a entregar dois profetas. A queixa que eu mais ouvi foi que os reféns não pertenciam às linhagens dos profetas e, portanto, não estavam diretamente envolvidos na questão. O governo estava encarando o problema em termos territoriais, eles, em função do parentesco, de modo análogo às convenções de uma vendeta.

Além das obrigações rituais, dos deveres de parentesco, do sentimento de comunidade e outros, existe outra razão para que as vendetas entre pequenas linhagens, especialmente quando há muitas, desenvolvam-se até se tornarem estados de disputas crônicas e tendam a manter sentimentos de hostilidade entre comunidades. Conforme é explicado no Cap. 5, toda comunidade está associada a uma linhagem de tal modo que todas as pessoas na comunidade que não são membros da linhagem são assimiladas a ela nas relações políticas, as quais são, portanto, freqüentemente exprimidadas em valores de linhagem. Daí uma vendeta entre pequenos grupos agnatos ser traduzida numa disputa, no sentido mais amplo, entre linhagens com que esses grupos estão associados através da expressão das relações perturbadas em função de sua estrutura, e as comunidades associadas às linhagens estarem envolvidas em hostilidades mútuas.

A hostilidade entre segmentos menores de uma tribo pode envolver os segmentos maiores das quais fazem parte. Uma briga entre duas aldeias pode, portanto, como já notamos, causar uma luta entre seções tribais secundárias, ou mesmo primárias. As inter-relações entre seções maiores são, de certo modo, ope-

radas pelas inter-relações entre seções menores. Quando uma seção na qual há disputas não resolvidas luta contra outra seção, todas as brigas são deixadas temporariamente de lado e toda a seção junta-se para a ação.

A vendeta é uma instituição política, sendo um modo aprovado e regulado de comportamento entre comunidades dentro de uma tribo. A oposição equilibrada entre segmentos tribais e suas tendências complementares de fundir-se e dividir-se — que vimos constituírem um princípio estrutural — torna-se evidente na instituição da vendeta que, por um lado, dá vazão à hostilidade por uma ação ocasional e violenta que serve para manter as seções distanciadas, e, por outro lado, que serve para meios fornecidos para a solução, impede que a oposição se desenvolva até o rompimento total. A constituição da tribo precisa de ambos os elementos de uma disputa, a necessidade de vingança e o meio de solução. O meio de solução é o chefe da pele de leopardo, cujo papel iremos examinar mais adiante. Nós consideramos a disputa, portanto, como essencial para o sistema político, na forma como existe hoje. Entre tribos, somente pode haver guerra; e através da guerra, da memória da guerra e da potencialidade de guerra, as relações entre tribos são definidas e expressadas. Dentro de uma tribo, as lutas sempre produzem disputas, e uma relação de disputa é característica dos segmentos tribais e fornece à estrutura tribal um movimento de expansão e contração.

É claro que não existe uma distinção nítida entre lutar contra outra tribo e lutar contra um segmento da própria tribo. Os Nuer, contudo, ressaltam que a possibilidade de arbitramento e de pagamento de indenização de sangue por mortes resultantes de uma luta dentro de uma tribo transforma-a em *ter*, uma disputa, e que isso difere de uma luta entre tribos, *kur*, onde pretensões de ressarcimento não seriam reconhecidas. Ambas diferem do ataque contra os Dinka, *pec*, e dos duelos individuais, *dwac*, embora todas as lutas sejam *kur* em sentido genérico. Mas é óbvio que uma luta numa aldeia, que leva de imediato ao pagamento de ressarcimento pelas mortes, e uma luta entre tribos onde não há ressarcimentos por mortes são dois pólos distintos, e que, quanto mais nos distanciamos de uma comunidade de aldeias, as lutas entre seções tribais tornam-se mais semelhantes às lutas entre tribos, em virtude do ressarcimento ser efetuado cada vez com maior dificuldade e com menos freqüência, de tal forma que, entre seções primárias, o valor tribal, o sentimento de que o ressarcimento pode e mesmo deve ser efetuado distingue, ele sozinho, as lutas entre seções das lutas entre tribos. Aqui, novamente, ressaltamos a conclusão de que o valor tribal é relativo à situação estrutural.

Ressaltamos, além disso, que as vendetas envolvem diretamente apenas umas poucas pessoas e que, embora por vezes

provocuem violências entre comunidades locais inteiras — uma disputa em sentido amplo —, os contatos sociais normais continuam apesar delas. Os fios do parentesco e afinidade, das filiações a conjuntos etários, e dos interesses militares e mesmo econômicos permanecem intactos; e esses fios funcionam como elásticos entre as seções, sendo capazes de considerável expansão pelas relações políticas conturbadas, mas sempre contendo as comunidades e mantendo-as enquanto um único grupo em relação a outros grupos do mesmo tipo. Como já explicamos, esses fios diminuem de número e força quanto maior a comunidade, mas eles se esticam até mesmo além das fronteiras tribais. Crescente anarquia e crescente dificuldade em solucionar vendetas, caminham passo a passo com a menor freqüência dos contatos sociais de todo tipo. A coesão social aumenta à medida que o tamanho da comunidade diminui.

VIII

É claro que existem disputas entre Nuer além das referentes a homicídios, mas elas podem ser tratadas com brevidade e em relação direta com o homicídio e a vendeta. Em sentido estrito, os Nuer não têm lei. Há ressarcimentos convencionais por danos, adultério, perda de membros, etc., mas não há qualquer autoridade com poder para pronunciar sentenças sobre tais questões ou para fazer cumprir veredictos. Na terra dos Nuer, os poderes legislativo, judiciário e executivo não estão investidos em quaisquer pessoas ou conselhos. Entre membros de tribos diferentes não há de se falar em ressarcimento; e, mesmo dentro de uma tribo, pelo que vi, os danos não são apresentados sob o que chamaríamos de forma legal, embora o ressarcimento por danos (*ruok*) seja pago algumas vezes. Um homem que acha ter sido prejudicado por outro, não pode processá-lo porque não existe tribunal para citá-lo, mesmo que este estivesse disposto a comparecer. Vivi em intimidade com os Nuer durante um ano e jamais ouvi uma questão ser apresentada perante um indivíduo ou tribunal de qualquer tipo e, além disso, cheguei à conclusão de que é muito raro que um homem obtenha ressarcimento a não ser pela força ou pela ameaça de empregar a força. A recente introdução de cortes governamentais, perante as quais, hoje, algumas vezes as questões são resolvidas, de modo algum invalida essa impressão, porque sabe-se muito bem que, entre outros povos africanos, são apresentadas questões perante cortes sob a supervisão do governo que anteriormente não foram resolvidas num tribunal, ou mesmo conciliadas, e como durante muito tempo depois da instituição de tais tribunais governamentais eles vêm operando lado a lado com os antigos métodos de fazer justiça.

Antes de discutir as principais características do processo legal nuer, desejo registrar que — segundo informações verbais —